

A razão e o século XXI

Prof. Sergio Lessa

Mestre em Filosofia (UFMG), Doutor em Ciências Sociais (Unicamp) e autor dos livros *Trabalho e Ser Social*, *Sociabilidade e Individuação* e *A Ontologia de Lukács*, todos publicados pela EDUFAL. Membro das editorias das revistas *Praxis* e *Crítica Marxista*.

Como gosta de dizer Celso Frederico, hoje em dia fazer previsões é um ofício arriscado, pois nossa bola de cristal está cada vez mais nebulosa. Como divisar o futuro neste momento de intensas transformações de todos os setores da nossa existência, neste momento em que o furor da crise a tudo destrói e a nada parece deixar intacto? Se o passado já não mais serve de padrão para se entender sequer o presente, como podemos pretender ter no presente uma referência minimamente segura para prevermos o futuro? E, se o passado e o presente não podem hoje cumprir este papel, como podemos sequer pensar a questão do lugar da razão no século XXI?

Parece, mas é mera aparência, que os pós-modernos teriam de fato razão: nossa existência teria sido dissolvida em um caldo societário no qual apenas a singularidade, o parcial, o momentâneo teria qualquer realidade em-si. Todo o resto, inclusive as articulações entre o passado, o presente e o futuro não passariam de mera projeção subjetivista de nossa ânsia por uma «razão histórica». Nunca houve, segundo eles, nada semelhante à continuidade histórica; esta seria mera ilusão resultante de nossa dificuldade afetiva em conviver com a fragmentação do tempo.

Desta perspectiva pós-moderna, nossos destinos enquanto indivíduos e enquanto seres humanos nada mais seriam que nossas lembranças do passado e nossos desejos para o futuro: tanto as primeiras, quanto os últimos, enraizados na forma como nossa subjetividade dirige «seu olhar» o real.

Projetamos a objetividade do real segundo nossas recordações e nossas carências: e como recordações e carências possuem raízes no inconsciente, este termina por ser eleito como um dos pilares da construção da objetividade do mundo em que vivemos. Ironicamente, terminamos retornando à velha concepção segundo a qual há uma natureza humana que determina a história. Só que, no período em que a burguesia era a classe revolucionária, esta natureza era essencialmente racional, agora não vai além do inconsciente, na maioria das vezes na interpretação proposta por Lacan.

Se, como queria Marx, a 'religião é a alma do mundo sem alma' -- a concepção de que nossos destinos não são portadores da continuidade histórica nada mais é que a justificação existencialmente desesperada de uma vida que perdeu sua conexão com a história. Perdidos no rodamoinho da crise em que estamos imersos, desesperados pela certeza que o futuro promete ser ainda pior, isolados de um rico convívio social pelo aguçamento da dimensão concorrencial inerente ao modo burguês de viver, aparentemente nada mais nos resta senão assumirmos como despropositado o nosso sofrimento atual. Por esta via, as desumanidades produzidas pelos próprios homens se transformam em fatalidades insuperáveis, e a crítica revolucionária do mundo em que vivemos perde qualquer possibilidade de se realizar.

É aqui que o combate à razão expressa por inteiro seu significado mais profundo: não passa de um artifício ideológico para velar as causas, os processos históricos, as articulações sociais e políticas, as mediações culturais, etc., que nos conduziram ao paradoxal momento histórico no qual a única forma de desenvolvimento implica na negação do direito à vida de incontáveis milhares de miseráveis que esperam à mingua o momento da morte, de outros incontáveis milhares de desempregados que têm negados os seus direitos mais elementares enquanto seres humanos.

Se queremos compreender o mundo em que vivemos, suas raízes históricas e o nosso presente, para que possamos construir um futuro em que os homens emancipem-se dos grilhões que eles próprios criaram, não há outra saída senão buscar, hoje acima de tudo, as razões que nos conduziram até aqui. E, para este percurso, a razão tem se mostrado uma ferramenta indispensável, apesar do que espalham aos quatro ventos os pós-modernos e irracionaisistas de todos os matizes.